

# Banqueiro espera rodada de negociações difícil

PORTO ALEGRE  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente do banco de Boston no Brasil, Henrique de Campos Meirelles, previu ontem, em Porto Alegre, que "a próxima rodada de negociações da dívida externa brasileira será difícil, porque o FMI não abrirá mão de um certo controle e acompanhamento da performance da economia, enquanto que o governo quer mais liberdade de ação". E acrescentou: "o que torna as coisas ainda mais complexas é que o Brasil precisará de dinheiro novo". O banqueiro acredita, no entanto, que haverá um "final feliz", na medida em que um acordo é o maior interesse não apenas para os brasileiros, mas também para os credores.

"O Brasil", observou Campos Meirelles, "precisa de dinheiro novo para ter uma certa folga em sua balança comercial, continuando a pagar com ele os juros de sua dívida. Se não conseguir este dinheiro, terá de continuar, sob pressão, buscando altos superávits comerciais. Os bancos, por sua vez, investiram muito dinheiro aqui e a ausência ou a proteção de um acordo cria uma instabilidade que prejudica todo o sistema financeiro internacional. De modo que eu creio que, embora complexas, as negociações chegarão a bom termo. O Brasil tem, além do mais, negociadores muito experientes, como o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e o presidente do Banco Central, Fernão Bracher."

O banqueiro admitiu que "certamente os credores farão pressões no sentido de que o governo brasileiro faça alguns ajustes em sua economia interna". E ele mesmo disse o que, na

sua opinião, precisa ser feito: controle efetivo do déficit público e contenção da expansão monetária, fatores que considera fundamentais na formação do quadro inflacionário. Do ponto de vista do crescimento da economia, Campos Meirelles acha que é sustentado e será mantido, porque houve uma adaptação que considera muito boa nas empresas privadas quanto ao aumento de eficiência e produtividade, redução do endividamento e gerência de estoques. "A indústria hoje", exemplificou, "está com 30% menos empregados do que em 1980 e de 70% a 80% menos endividada, mas conseguiu, depois da recessão, recuperar os picos de produção de 1980".

O setor estatal é que está necessitando, segundo o presidente do Banco de Boston, passar por algumas modificações. Ele aponta a presença dos títulos públicos no mercado e a alta incidência de impostos sobre as instituições e as operações financeiras como as causas principais da inflação, e afirma que isto precisa ser atacado. Considera a elevação de impostos programada para após 15 de novembro como mais um elemento inflacionário — embora tenha dito que é "positiva" por minorar o déficit público — e acha que o pacto social proposto pelo governo é muito importante, e já demonstrou eficácia em outros países. Disse que reivindicações como as que estão fazendo a CUT e a Conclat — redução de jornada de trabalho, reposição real de salários e reajustes trimestrais — podem levar a uma "hiperinflação", assim como as reivindicações de fim do CIP feitas pelos empresários.